



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/index>
ISSN: 2359-1870

A PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE O RURAL E O URBANO NO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTUDO DE CASO EM PORTO FRANCO-MA

Tatiana Colasante¹
Ester Suzanne Bezerra Pedroza²

Tatiana Colasante

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil
<tatiana.colasante@ufma.br>

 <https://orcid.org/0000-0001-6953-245X>

Ester Suzanne Bezerra Pedroza

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil
<estersuzanne@hotmail.com>

 <https://orcid.org/0000-0002-9175-9893>

Resumo

No ensino de Geografia, os alunos têm diferentes visões sobre o espaço geográfico. Ressalta-se que é necessário privilegiar os saberes prévios dos alunos, analisando de que forma percebem o espaço onde vivem e as relações com os espaços circundantes para a melhoria do ensino-aprendizagem. A partir dessa premissa, o estudo recai sobre a Unidade Escolar João Tavares da Costa, localizada na zona rural de Porto Franco-MA afim de analisar a percepção dos alunos sobre o espaço rural, onde vivem e suas relações de identidade e o espaço urbano. Para isso, utilizou-se pesquisa bibliográfica e documental, além da aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas com alunos do nono ano do ensino fundamental, no primeiro semestre de 2021, através do aplicativo *Google Forms*. Como resultado, foi possível perceber que os alunos investigados compreendem o espaço rural e o urbano de forma bem dicotômica e demarcada.

Palavras-chave: Espaço rural. Espaço urbano. Ensino de Geografia. Percepção. Porto Franco-MA.

Recebido em: 9/9/2022
Aprovado em: 28/11/2022

¹ Bacharela em Turismo e Hotelaria pela Universidade Norte do Paraná. Licenciada e Bacharela em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, campus Presidente Prudente. Professora da Universidade Federal do Maranhão, campus de São Bernardo.

² Bacharela em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão.

**PERCEPCIÓN DE ESTUDIANTES SOBRE LO RURAL Y URBANO
EN LA ESCUELA PRIMARIA: ESTUDIO DE CASO EN PORTO
FRANCO-MA**

Resumen

Al enseñar Geografía, los estudiantes tienen diferentes puntos de vista sobre el espacio geográfico. Cabe señalar que es necesario privilegiar los conocimientos previos de los estudiantes, analizando cómo perciben el espacio donde habitan y las relaciones con los espacios circundantes para la mejora de la enseñanza y el aprendizaje. A partir de esta premisa, el estudio se centra en la Unidad Escolar João Tavares da Costa, ubicada en la zona rural de Porto Franco-MA, con el fin de analizar la percepción de los estudiantes sobre el espacio rural, donde viven y tienen relaciones de identidad y la espacio urbano. Para ello se utilizó la investigación bibliográfica y documental, además de la aplicación de un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas en estudiantes del 9no año de primaria, en el primer semestre del 2021, a través de la aplicación Google Forms. Como resultado, fue posible percibir que los estudiantes investigados comprenden el espacio rural y el urbano de forma muy dicotómica y delimitada.

Palabras clave: Espacio rural. Espacio urbano. Enseñanza de la Geografía. Percepción. Porto Franco-MA.

**STUDENTS' PERCEPTION ABOUT RURAL AND URBAN IN
ELEMENTARY SCHOOL: CASE STUDY IN PORTO FRANCO-MA**

Abstract

In teaching Geography, students have different views on geographic space. It is noteworthy that it is necessary to privilege the students' prior knowledge, analyzing how they perceive the space where they live and the relationships with the surrounding spaces for the improvement of teaching and learning. From this premise, the study focuses on the João Tavares da Costa School Unit, located in the rural area of Porto Franco-MA in order to analyze the students' perception of the rural space, where they live and have identity relationships and the urban space. For this, bibliographic and documentary research was used, in addition to the application of a questionnaire with open and closed questions in students of the 9th year of elementary school, in the first half of 2021, through the Google Forms application. As a result, it was possible to perceive that the investigated students understand the rural and the urban space in a very dichotomous and demarcated way.

Keywords: Rural space. Urban space. Teaching Geography. Perception. Porto Franco-MA.

Introdução

Nos livros didáticos de Geografia, por muitos anos se tinha uma concepção tradicional do rural e do urbano, enfocando o rural como o espaço vinculado às atividades do setor primário enquanto o urbano era vinculado aos setores secundário e terciário. Muitas ilustrações denotam marcadamente esses espaços, com o rural vinculado ao imaginário de uma paisagem bucólica, enquanto o urbano era vislumbrado pelo ambiente caótico. Nesse aspecto, é notória a dicotomia rural-urbano que acaba influenciando na percepção espacial dos estudantes.

Porém, o campo ainda é o mesmo? Como se dá a percepção dos alunos cujo cotidiano está atrelado à área rural sobre o espaço em que vivem e como percebem o espaço urbano? Ainda são espaços marcados por objetos geográficos distintos? Tais inquietações se justificam pelo fato de que o professor precisa levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos para o seu planejamento didático-pedagógico. Dessa forma, compreender de que forma os alunos estão olhando o seu lugar no mundo nos ajuda a refletir em novos saberes geográficos e novas formas de leitura do/no espaço.

No intuito de buscar respostas para compreender esse processo, a pesquisa recai sobre a Unidade Escolar João Tavares da Costa, zona rural de Porto Franco-MA. O estudo apresentado resulta de pesquisa prática e construção de *corpus teórico* desenvolvidos a partir de uma monografia de conclusão de curso. A escolha da escola se deu a partir das experiências individuais de uma das pesquisadoras enquanto docente, facilitando também o contato com os alunos investigados. As reflexões empreendidas no artigo estão estruturadas a partir de discussões teóricas e uma análise prática sobre a temática, pontuando os resultados obtidos com a aplicação de um questionário com os alunos do nono ano da unidade escolar anteriormente citada.

Educação rural e educação no campo

Com relação à estrutura educacional, é notório destacar que educação rural e educação no campo, apesar de parecerem sinônimas à primeira vista possuem similaridades, no entanto contrapõem-se em vários sentidos. Pelo espaço “campo”, as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo (DCE) conceituam: posseiros, boias-frias, ribeirinhos, ilhéus, atingidos por barragens, assentados, acampados, arrendatários, pequenos proprietários ou colonos ou sitiantes, caboclos dos faxinais, comunidades negras rurais, quilombolas e, também, as etnias indígenas (PARANÁ, 2006, n.p.).

Ao mencionar os processos educativos para os moradores das zonas rurais, é notório que desde os tempos mais remotos têm sido bastante segregacionistas se comparados ao urbano, ou seja, a educação rural nasce de uma visão paternalista, onde o senhor das terras constrói uma escola para ensinar os filhos de seus empregados dentro da visão idílica que se teve por muito tempo, de que existia uma professora com pouco conhecimento que iria ensinar as crianças, ocasionando um ciclo de aprendizagem

muito raso. Assim, esse modelo está muito ligado ao modelo de dominação do coronelismo, em uma relação de dominação total e absoluta.

Trata-se de uma mobilização em favor de levar o ensino às populações rurais, seja ele em salas multisseriadas com professores para atender alunos de séries e idades diferentes, ou pela dificuldade de deslocamento de muitos professores; por isso não têm formação adequada, portanto, uma educação fundamentada somente no aprendizado do ato de ler, escrever e fazer conta (SIMÕES; TORRES, 2011).

A educação rural conceitualmente como a temos hoje passou a ser mais evidente no território brasileiro desde 1900, quando os processos migratórios campo-cidade foram vistos como empecilho para a prosperidade do país, ao ponto desse modelo educacional ser usado como instrumento para conter essas migrações.

[...] a sociedade brasileira somente despertou para a educação rural por ocasião do forte movimento migratório interno dos anos 1910 - 1920, quando um grande número de rurícolas deixou o campo em busca das áreas onde se iniciava um processo de industrialização mais amplo (LEITE, 1999, p. 28).

Desta forma, a educação do campo teve seu início a partir do grande êxodo rural que estava acontecendo naquele contexto histórico, que, como consequência, influenciou a urbanização das cidades e no crescimento desordenado dos centros urbanos. Almeida e Gusso (2009) citam que no período de 1930 a 1960, ao se reacender a questão ruralista no Brasil, a educação rural foi vista como um dos fatores essenciais para a solução do problema da migração rural, de modo que a Constituição de 1934 estabeleceu a importância de uma concepção de educação profissional voltada ao contexto industrial.

A partir da década de 1980, a ascensão dos movimentos sociais e também das discussões a respeito dos caminhos a serem traçados pela sociedade resultaram em novas reflexões sobre a educação no espaço rural. Deste momento em diante o indivíduo, a instituição escolar, o conhecimento, e o espaço foram protagonistas, fazendo com que a forma de pensar da educação rural, se dissociasse da educação do campo, de tal maneira que Caldart et.al. (2012, p. 240) afirmam:

Ao contrário da Educação do Campo, a educação rural sempre foi instituída pelos organismos oficiais e teve como propósito a escolarização como instrumento de adaptação do homem ao produtivismo e à idealização de um mundo do trabalho urbano, tendo sido um elemento que contribuiu ideologicamente para provocar a saída dos sujeitos do campo para se tornarem operários na cidade.

Na concepção de Rocha (2010, p. 394) o termo rural remete [...] as políticas, teorias e práticas que orientam o modelo escolar adotado para as populações que produzem suas vidas em torno da agricultura familiar, do extrativismo e da pesca". Já o "[...] termo Educação do Campo se articula com projetos que visam superar esta situação

bem como criar outras possibilidades de se fazer a escola”. Assim, a Educação no campo nasceu em contraposição à Educação Rural.

Segundo Souza (2006, p.16) ela surge de pensamentos, desejos e interesses dos sujeitos do campo, “[...] determinando seus destinos na construção de suas ideologias, suas visões de mundo”. Interessante mencionar que esse modelo é subsidiado pela luta dos movimentos sociais por parte das comunidades rurais, dos pequenos agricultores, dos ribeirinhos, dos indígenas e dos quilombolas. Logo, volta-se a buscar direitos daqueles trabalhadores organizados que vão exigir do Estado o direito de ter uma educação de qualidade. Portanto, nasce das lutas sociais e das práticas de educação dos povos do e no campo, como explicitam Silva Junior e Borges Netto (2011).

Interessante ressaltar que a Educação do Campo é um dos principais pilares de luta de todos os povos do campo (indígenas, quilombolas, ribeirinhos, etc.) pois, sem uma educação do campo de qualidade, a vida para os sujeitos que já se encontram marginalizados em diversos âmbitos da sociedade torna-se ainda mais difícil. em muitos processos no campo se torna praticamente impossível. É necessário romper as “[...] sólidas fronteiras entre o espaço urbano e o espaço rural marcadas por construções culturais hegemônicas do meio urbano que tende a inferiorizar, estereotipar e segregar as identidades e subjetividades do meio rural” (SILVA JUNIOR; BORGES NETTO, 2011, p. 46).

Neste sentido a educação no campo pode apresentar também múltiplas possibilidades de práticas pedagógicas tão interessantes quanto aquelas desenvolvidas nos espaços urbanos, uma vez que possibilita a elaboração de diversas atividades teórico-práticas por intermédio do contato direto com saberes e fazeres locais, interação com elementos naturais e compreensão de novos fluxos e dinâmicas socioespaciais.

O Ensino de Geografia no contexto da Educação do Campo

O espaço rural assim como o urbano são objetos de estudo da geografia e estabelecer a diferenciação entre ambos requer uma análise muito cuidadosa. Para tanto, é necessário compreender as características que os diferenciam, mas, também, as características que os aproximam, compreendendo o espaço como totalidade.

Sobre a configuração do espaço rural brasileiro é notório que o urbano faz uma interação direta, reforçado no fato de que muitas demandas urbanísticas provêm de atividades rurais, e vice-versa. Por isso, ressaltar a importância do campo para a sociedade é uma questão essencial, e que, diferentemente de ideias que predominaram no passado, não se trata de um espaço atrasado e pouco desenvolvido. Neste sentido, vê-se que o docente em geografia ao associar ambos os conceitos deve fazer o melhor para levar o conteúdo aos seus discentes, de forma a despertar o interesse nos mesmos.

O conteúdo da Geografia [...] é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do

Pesquisar, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 63-83, nov. 2022.

confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos de Geografia, significa “uma consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo. (CASTROGIOVANI; CALLAI; KAERCHER, 2008, p. 95).

De acordo com o censo de 2018 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (BRASIL, 2018), o país possui 56.954 escolas rurais. Nestas escolas, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) o sistema de ensino deve ser adequado às peculiaridades da vida rural, assegurando conteúdos e metodologias adaptados aos interesses da população do campo. Para Caldart et al. (2012), a educação do campo deve ser pensada a partir do lugar de origem do camponês e da sua intervenção no espaço vivido e percebido, levando em consideração as culturas já existentes e as necessidades sociais e humanas. No entanto, essa realidade ainda é distante, pois faltam recursos financeiros e pedagógicos, professores especializados e transporte público de qualidade que garanta a frequência dos estudantes.

A adaptação dos conteúdos passa necessariamente a depender da capacitação docente, da preparação do professor para que ele entenda que está lidando com outra linha pedagógica, conjunto de ações, há um outro pensamento sobre conteúdos, sobre as aulas e isso acaba de certa forma não acontecendo. Silva Junior e Borges Netto (2011) citam que educação no campo é específica, diferente da alternativa, sendo como um processo de formação humana que constrói sua cultura e política, podendo haver assim, o processo de intervenção conhecendo sua realidade local.

Uma das diferenças nesses formatos de escola é possível citar desde a quantidade de alunos, diferenças de idade e de conteúdo. Outra questão seria respeitar o tempo do campo, onde surge, portanto, a pedagogia da alternância, tal que Caldart (2008) define-a resumidamente como um desejo de não cortar as raízes com o campo, pois busca integrar a escola, família e comunidade. Nessa metodologia, o calendário é mais flexível de modo a ligar-se diretamente com os acontecimentos daqueles povos, ou seja, alterna o espaço-tempo e também a forma de trabalhar os conteúdos, tentando abordar a prática do aluno com os saberes adquiridos na escola.

Logicamente o espaço rural não está confinado ao local da sala de aula uma vez que a paisagem ao seu redor facilita que o educador vivencie isto com seus alunos e leve essa discussão para a sala de aula. Por isso, concorda-se que

[...] o aluno deve se ver como participante do espaço que estuda, para poder analisá-lo, senti-lo e compreender a espacialidade das práticas sociais para poder intervir nelas a partir de convicções, elevando a prática cotidiana, acima das ações particulares, ao nível do humano genérico (CAVALCANTI, 2002, p. 32).

A geografia, como parte constituinte do âmbito escolar tem como foco realizar análises para buscar entender as relações que se concretizam no espaço assim como o

contato com outros humanos. Por isso, é óbvio que ensinar geografia não é somente nomes de países, cidades e regiões do mundo, mas também contextualizar e justificar como, porque e de que forma vivem, bem como estes utilizam os recursos naturais. Bispo (2008, p. 84) relata que

[...] o espaço, a paisagem e o território são objetos da geografia. Assim, a rapidez da intensidade das mudanças socioespaciais na sociedade contemporânea impõe à geografia a necessidade do uso de recursos metodológicos e técnicos que contemplem os modos de apropriação do lugar. O lugar torna-se um desafio à análise do mundo moderno, o que exige um esforço para analisá-lo e compreendê-lo em suas múltiplas formas e conteúdos e em sua dinâmica histórica.

Assim, a ciência geográfica enquanto disciplina do currículo pode assessorar a pauta da educação no campo, uma vez que conta com metodologias capazes de despertar no aprendiz as diferentes formas de enxergar as culturas, os lugares e as relações sociais.

A dicotomia entre o espaço rural e o urbano para a ciência geográfica

A geografia agrária em suas múltiplas faces de pesquisas busca compreender as relações sociais, ambientais e econômicas presentes no campo. Assim, é notório que o campo não se resume apenas às atividades como agricultura e pecuária, mas, é resultado de formas distintas de ocupar esse espaço e envolvimento das populações locais. Muito além das atividades tradicionais, os espaços rurais refletem as novas tendências da estruturação produtiva e tem outras inúmeras funções, como por exemplo, tem-se o turismo rural e as fazendas multifuncionais.

Ainda que em muitos casos a agricultura ofereça o essencial das oportunidades de emprego e geração de renda em áreas rurais, é preferível não defini-las por seu caráter agrícola. Há crescente evidência de que os domicílios rurais (agrícolas e não-agrícolas) engajam-se em atividades econômicas múltiplas, mesmo nas regiões menos desenvolvidas. Além disso, conforme as economias rurais se desenvolvem, tendem a ser cada vez menos dominadas pela agricultura. Finalmente, existem empreendimentos agropecuários, em alguma medida, nas áreas urbanas (ABRAMOVAY, 2000, p. 6).

O destaque maior, no entanto, é destinado à análise das diferentes formas de enxergar os espaços rurais e urbanos, uma vez que este primeiro não se resume somente a produção agrícola. Nesse sentido, estimula-se o senso crítico dos alunos diante dos conceitos tradicionalmente utilizados para caracterizá-los e das contradições presentes em cada uma das diversas formas de enxergar estes ambientes.

Para analisar os ambientes campestres e também os urbanos é necessário estabelecer de fato a diferença entre ambos os termos, que claramente não são tão simples nem homogêneos. A exemplo do Brasil tem-se o critério político-administrativo. Segundo o IBGE

(2022), como situação urbana consideram-se as áreas correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas urbanas isoladas. A situação rural abrange toda a área situada fora desses limites.

No que diz respeito às zonas rurais, é possível observar atividades mais voltadas para a agricultura e pecuária. Também é comum a presença de paisagens naturais. De acordo com Vitte (2007), a paisagem natural é aquela que representa elementos naturais e que não foi modificada pela ação humana.

Já no espaço urbano é muito mais comum a presença de infraestrutura, seja de emprego, de renda, de sobrevivência entre outras coisas. Nesses ambientes também é possível ter paisagens mais humanizadas, ou seja, paisagens culturais nas quais podemos analisar o processo de transformação humana no espaço geográfico.

A existência de construções, e arruamentos, bem como a ampla ocupação humana e do plano que se estabelece a área destinada à expansão urbana também são alguns critérios utilizados pelo IBGE para classificar as áreas urbanas. De forma geral, os espaços urbanos são caracterizados como vilas ou bairros compostos por casas, organizados e asfaltados entre outras características.

Durante muito tempo o campo foi o principal espaço de produção das sociedades humanas, pois a maior parte da população mundial habitava nas zonas rurais. Já as cidades eram mais voltadas para outros ramos como por exemplo, o comércio e a política. No entanto, ambos os espaços sempre interagiram de forma muito próxima.

Desde a Primeira Revolução Industrial no século XVIII, a população rural vem diminuindo gradativamente, enquanto a urbana está em contínuo crescimento. E esse êxodo rural, bem como o processo de urbanização, tem sido embasado justamente por esse estreitamento de relações entre o campo e a cidade. Por outro lado, Ianni (1997) conduz para outras reflexões entre o rural e o urbano na medida em que a sociedade capitalista se desenvolve e incorre mudanças substanciais entre esses espaços. Para o autor, o campo vai perdendo suas características primárias e redefine suas formas de produção:

[...] à medida que se desenvolvem e generalizam, as forças produtivas e as relações de produção capitalistas assinalam condições, tendências, modos de produzir e reproduzir material e espiritualmente. A própria cultura de massa, de origem material e espiritual, espalha-se por todos os cantos e recantos. Modos de vestir, falar, agir, pensar, lutar, imaginar são impregnados de signos do mundo urbano, da cidade global. O que permanece é o bucólico, a nostalgia da natureza, a utopia da comunidade agrária, camponesa, tribal, indígena, passada, pretérita, remota, imaginária. (IANNI, 1997, p. 56)

Nessa mesma visão Silva (2018, n.p.) enfatiza que “[...] o campo vai deixando de ser o lugar da vida simples, da produção artesanal, do tempo natural e vai se transformando em nova fonte de renda e de lucro a serviço do capital financeiro”. Para ele, isso implica em viver não para satisfazer a necessidades básicas da família e da comunidade, mas para atender ao mercado urbano e global. Com isso, é necessário pensar o urbano e o rural além de suas funcionalidades e delimitações espaciais, mas levando em consideração “[...] a complexidade

que envolve cidade e campo, bem como suas inter-relações [...] com maior amplitude e profundidade que consiga captar melhor seus sentidos e dimensões no território (KIELING; SILVEIRA, 2015, p. 134).

Esta relação de interdependência entre os espaços rurais e urbanos ainda está presente na atualidade, embora as cidades tenham ocupado o papel central na gestão das atividades produtivas e econômicas, condicionando hierarquicamente também espaços e a produção rural ao mesmo tempo que são interdependentes.

Porto Franco: aspectos socioeconômicos e educacionais

De acordo com o IBGE (2022) o território que hoje corresponde ao município de Porto Franco começou sua aglomeração urbana por volta do ano de 1854, a partir da instalação de agricultores provenientes de Boa Vista, em Goiás. Algum tempo depois, o português José Joaquim Severino, que percorria o Tocantins vendendo mercadorias aos ribeirinhos, fez uma visita ao então povoado.

Entre os anos de 1858 e 1878 apresentou grande desenvolvimento, tal que em 1919 foi levado à categoria de vila, através da lei nº 853 (2 de abril de 1919). No dia 1 de dezembro do mesmo ano elegeu seu primeiro prefeito, o tenente Valério Neves de Miranda, cuja posse ocorreu no dia 1 de janeiro de 1920, data em que conquistou sua autonomia, sendo então desmembrado do município de Imperatriz. Em 29 de março de 1938, através do Decreto Lei Nº 45, Porto Franco foi levada à categoria de cidade (IBGE, 2022).

Sua localização é estratégica, no sudoeste do Maranhão (figura 1), sendo banhado pelo Rio Tocantins e cortado por duas rodovias federais (BR-010 e BR-226), uma estadual (MA336), uma via férrea “Ferrovia Norte-Sul”, além do “Linhão Norte Sul” da estatal fornecedora de energia elétrica “Eletronorte”. De acordo com Belfort, Silva e Oliveira (2012) essa característica tem favorecido a implantação de vários empreendimentos em seus arredores como: Hidrelétrica de Estreito, Suzano celulose e papel, Valec, SPA e o Distrito Industrial que comporta o Pátio de Integração Multimodal da Companhia Vale abrigando empresas como Bunge, Cargill, Multigrain, Ceagro e o Grupo Algar.

Figura 1 – Localização de Porto Franco-MA



Fonte: Abreu (2006).

De acordo com o IBGE (2022), do ponto de vista demográfico, Porto Franco possui uma população estimada em 21 mil pessoas: 17 mil residentes na área urbana e 4 mil na área rural. No que diz respeito aos aspectos socioeconômicos, o município possui uma média de 2,1 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total é de 8,5%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupa as posições 18 de 217 e 25 de 217, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tem 41,9% da população nessas condições, o que o coloca na posição 213 de 217 dentre as cidades do estado.

Sobre as características educacionais, no ano de 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram a média 6 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), em uma escala de varia de 0 a 10 (IBGE, 2022). Já os alunos dos anos finais, essa nota foi de 4,9 colocando a cidade na posição 2 de 217 em relação aos outros municípios maranhenses (IBGE, 2022). A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 97,7 em 2010. Isso colocava o município na posição 49 de 217 dentre as cidades do estado e na posição 2574 de 5570 dentre as cidades do Brasil (IBGE, 2022).

Recorte Espacial: a Unidade Escolar João Tavares da Costa e seu entorno

A Comunidade Formigão é um povoado localizado no município de Porto Franco, Maranhão, às margens da BR 335 e bem próximo ao município vizinho (São João do Paraíso). É um local voltado potencialmente para a agricultura familiar, sendo essa atividade fonte de renda das comunidades que lá residem.

Pesquisar, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 63-83, nov. 2022.

A Unidade Escolar João Tavares da Costa (figura 2) fica a 30 km do centro da cidade de Porto Franco onde atende a crianças e adolescentes da Comunidade Formigão, como também de povoados próximos. No entorno da escola, existem vários aspectos que remetem à ruralidade como: vegetação, estradas de terra, áreas de pastagem e pequenas propriedades.

Figura 2 – Fachada da Unidade Escolar João Tavares da Costa



Fonte: Acervo particular das autoras (2020).

No Projeto Pedagógico da escola (UNIDADE ESCOLAR JOÃO TAVARES DA COSTA, 1995) consta que sua criação se deu a partir de um decreto municipal em fevereiro de 1995 e recebeu o nome para homenagear o Senhor João Tavares da Costa por ser o proprietário da fazenda Formigão. Consta também que seu filho Valmir doou o terreno para a construção da escola. Por se tratar de uma escola localizada na zona rural, existem poucas residências nas proximidades, onde as habitações costumam ser construídas de tijolos ou de palha. Os moradores usam internet oferecida pelas redes de telefones, e somente no prédio da escola é possível acessar internet via rádio (instalada para atender as necessidades escolares).

Metodologia

No que diz respeito a trajetória da educação no campo, depreende-se que até hoje essa passa por inúmeros problemas, que vão desde a falta de estrutura física, administrativa e pedagógica, visto que ao longo do tempo foi negligenciada pelas políticas públicas voltadas ao próprio contexto. Somam-se a isso os currículos, os planejamentos e a organização que muitas vezes são colocados como inferiores aos modelos das escolas da área urbana, causando assim grandes discrepâncias nos procedimentos de aprendizagem.

Pautada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, a metodologia de ensino tem de ser apropriada às características da área rural, endossando temáticas e estratégias voltadas para os interesses dos alunos dessas escolas. Contudo, a falta de recursos ainda torna isso uma realidade muito distante. Compreendendo o contexto e realidade da educação no campo hoje, ao traçarmos um panorama sobre o ensino da geografia (que é essencial para entender o espaço) esse estudo se justifica por estabelecer a assimetria entre o que é rural e o que é urbano sob a perspectiva de alunos do nono ano de uma escola da zona rural.

Partindo desse pressuposto foi realizado um estudo de caso na Unidade Escolar João Tavares da Costa, localizada no Povoado Formigão, zona rural de Porto Franco, Maranhão. Para Gil (2008, p. 57-58)

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalha do, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados. [...] O estudo de caso vem sendo utilizado com freqüência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos, tais como: a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Assim, um dos objetivos desse estudo é investigar as principais questões que permeiam os processos educativos, instituição escolar em evidência, e compreender a percepção dos entrevistados sobre a relação entre o rural e o urbano, destacando a importância da Educação no Campo para os docentes e para os discentes.

A pesquisa configura-se como descritiva e exploratória, uma vez que busca informações a partir da pesquisa bibliográfica e documental bem como do levantamento de dados. Para Marconi e Lakatos (2003), a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois.

Já a pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...] Sua familiaridade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 182).

Nesse contexto, a pesquisa envolveu a fundamentação teórica a partir de dados primários e secundários elencando discussões sobre as diferenças e semelhanças entre educação rural e educação no campo bem como uma breve abordagem sobre o município de Porto Franco e o Povoado Formigão. Posteriormente, são apresentados os resultados da práxis, a partir de aplicação de questionário composto por 10 questões abertas e fechadas

com 11 estudantes do nono ano do ensino regular da Unidade Escolar João Tavares da Costa no primeiro semestre de 2021, na qual utilizou-se o método *survey* (levantamento) a partir do envio de questionários.

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo (MARKONI; LAKATOS, 2003, p. 200).

A elaboração do questionário se deu pelo aplicativo *Google Forms* e compartilhado pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp* uma vez que o contexto histórico da pesquisa abarcou o período da pandemia de coronavírus e as escolas públicas encontravam-se fechadas desde março de 2020. Para a tabulação dos dados, foi mantido o anonimato dos alunos, sendo possível identificar as respostas dos mesmos na sequência numérica de 1 a 11, que contempla os alunos que aceitaram participar da pesquisa. Para exposição dos resultados, foram utilizados quadros e nuvem de palavras que lista de forma hierarquizada as palavras mais citadas, elaborada com o auxílio do site *Wordclouds*.

Resultados e discussões

A primeira pergunta aberta se referia ao entendimento do aluno em relação ao espaço rural, uma vez que vivem nessa realidade e para o professor de geografia é fundamental verificar o conhecimento prévio dos alunos. Nesse aspecto, o espaço rural seria o lugar desses alunos no qual têm relação de identidade e afetividade, a partir dos laços cotidianos e das experiências individuais.

A partir das respostas foi possível constatar que o espaço rural ainda possui uma visão tradicional, marcada pela presença de atividades primárias e a perspectiva de um lugar tranquilo, na qual a natureza tem presença constante e não há conflitos evidentes (quadro 1). Embora Abramovay (2000) alerte que ao passo que as economias rurais cresçam mais se desassociem das atividades da agricultura, ainda é perceptível que os entrevistados têm uma percepção tradicional do campo enquanto área atrasada, que tem monotonia e falta de opções para se divertir ou ainda é *o locus* da atividade agropecuária.

Quadro 1 – Respostas dos alunos sobre o questionamento: “O que você entende por espaço rural?”

Aluno 01	“Algum espaço que não seja na cidade.”
Aluno 02	“Espaço rural pra mim é interior, lugar sem muito movimento muita natureza etc.”
Aluno 03	“O espaço rural é um lugar com mais tranquilidade as pessoas falam umas com as outras e são felizes.”
Aluno 04	“É a zona rural de qualquer cidade.”
Aluno 05	“Entendo quase de tudo.”
Aluno 06	“Cultura, agropecuária, criação de animais, pomar, ar puro.”
Aluno 07	“Local de fazenda, espaço de ar puro, com animais, matas.”

Aluno 08	“É o local onde são produzidas a maioria dos alimentos que são levados para a zona urbana, como por exemplo a produção do leite, frutas, fornecimento das carnes bovinas, caprinas e ovinas.”
Aluno 09	“Entendo que espaço rural é o campo exemplo é o sertão onde eu moro.”
Aluno 10	“O espaço rural é um espaço que muito relacionado a agricultura são produzidos muitos tipos de alimento da própria terra.”
Aluno 11	“O espaço rural é onde são produzidos os alimentos.”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Já a segunda pergunta aberta referia-se à percepção do aluno em relação ao espaço urbano, no qual estes alunos não estão tão acostumados. De acordo com as respostas alcançadas, é nítido que prevalece a ideia de que as áreas urbanas seriam agitadas, com movimento de pessoas e grande aglomeração urbana (quadro 2). Percebe-se que os alunos conseguem estabelecer uma diferença alarmante entre os dois tipos de espaços questionados, sendo, portanto, uma ótima oportunidade para que o docente da ciência geográfica realize diferentes atividades que explorem essa capacidade do aluno em compreender tais conceitos geográficos. Além disso, este aluno conseguirá interpretar criticamente a conceituação empregada para analisar as diferentes formas de produção agrícola, buscando reconhecer as características inerentes a cada uma delas.

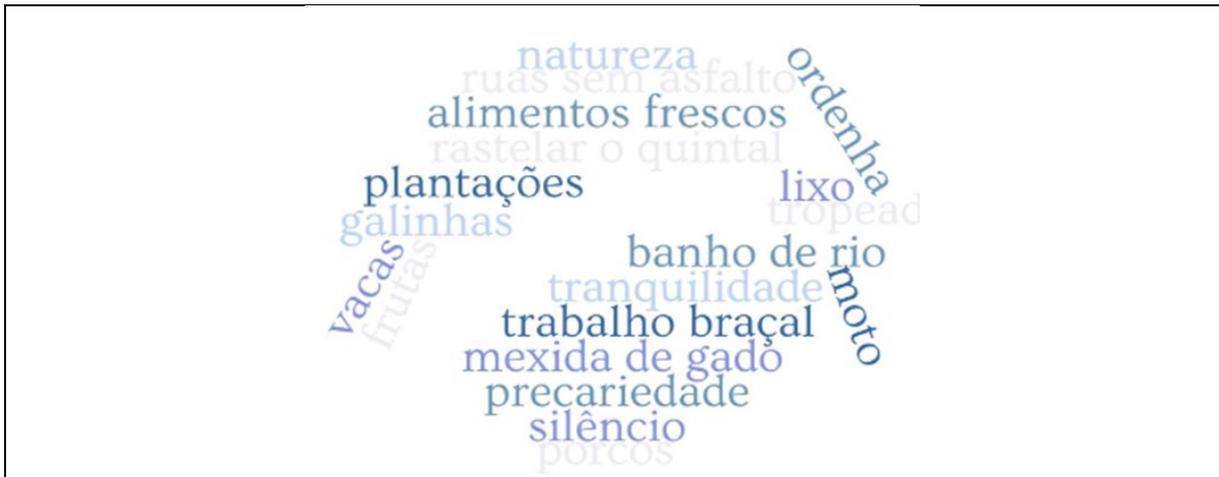
Quadro 2 – Respostas dos alunos sobre o questionamento: “O que você entende por espaço urbano?”

Aluno 01	“Algum espaço que as pessoas mais circulam no município”
Aluno 02	“Uma cidade movimentada com prédios e etc.”
Aluno 03	“O espaço urbano e mais agitado pessoas correndo pra lá e pra cá numa agitação só.”
Aluno 04	“É uma cidade.”
Aluno 05	“Não tenho muito costume.”
Aluno 06	“Congestionamento de veículos, lojas, comércio, indústria, feiras, pedestres.”
Aluno 07	“Local com muitos veículos nas ruas, muitas casas, lojas.”
Aluno 08	“É o local onde é desenvolvido a economia de toda a região.”
Aluno 09	“Entendo como a cidade, exemplo é Porto Franco.”
Aluno 10	“O espaço urbano é um espaço cheio de casas prédios carros e lojas.”
Aluno 11	“Espaço urbano é onde ficam as indústrias.”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Na terceira questão discursiva foi solicitado que os estudantes escrevessem sobre alguns elementos ou alguma característica que era comum em seu ambiente cotidiano e que pouco provavelmente seria encontrado nos espaços urbanos. As respostas foram diversas, entre as quais o destaque foi justamente o contato com a natureza e também com os animais (figura 3). Há que se notar que o campo ainda é visto como um lugar bucólico, vinculado à qualidade de vida a partir da menção à elementos como silêncio e tranquilidade, mas é também o lócus do trabalho, tendo assim duas faces da mesma paisagem que pode ser ao mesmo tempo labor e lazer para o estudante.

Figura 3 – Elementos comuns no campo e incomuns na zona urbana



Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

A quarta questão teve como objetivo compreender as ideias dos alunos sobre pontos positivos e negativos de morar na área rural (quadro 3). As respostas foram diversas, entre as quais há o destaque para tranquilidade e a liberdade do campo que são percebidas como vantagem até a melhoria da qualidade de vida. Por outro lado, o rural tem como aspectos negativos na visão dos alunos a precariedade da infraestrutura e mobilidade urbana, além de não apresentar muitas oportunidades de emprego e diversão. Tal fato, inclusive pode ser um indicativo de êxodo rural, como acontece em diversas regiões do país com jovens que buscam as cidades maiores para se estabelecer.

Quadro 3– Questão 4: Respostas dos alunos sobre o questionamento: “Apresente uma vantagem e uma desvantagem de morar na zona rural.”

Aluno 01	Vantagem: “Clima tranquilo e sem barulhos.” Desvantagem: “Pouca interação com a maioria das pessoas.”
Aluno 02	Vantagem: “Mais calmo, menos trânsito.” Desvantagem: “Internet ruim, passatempos etc.”
Aluno 03	Vantagens: “Tem muita tranquilidade, sem poluição tem mais segurança.” Desvantagem: “Fica longe da cidade quando quiser ir fazer alguma coisa na rua.”
Aluno 04	Vantagem: “É que aqui é bem calmo.” Desvantagem: “É que nem sempre temos acesso aquilo que queremos.”
Aluno 05	Vantagem: “Eu sou livre aqui, eu faço o que eu quero na zona rural.” Desvantagem: “As estradas são ruins.”
Aluno 06	Vantagem: “Mais relaxante, calmo.” Desvantagem: “Difícil acesso a zona urbana.”
Aluno 07	Vantagem: “É que o ar é arejado, sem poluição, sem barulhos de automóveis. Desvantagem: “Não temos acesso a saúde facilmente, meios de comunicação ainda não estão totalmente desenvolvidos.”
Aluno 08	Vantagens: “São várias, aqui temos os alimentos fresquinhos na hora, temos criações que ajudam nas rendas e muito mais.” Desvantagens: “Apenas alguns lugares temos um pouco de dificuldade ao acesso com a internet ou algo do tipo.”
Aluno 09	Vantagem: “Sossego.” Desvantagem: “Falta de oportunidades principalmente para quem quer estudar.”

Aluno 10	Vantagem: “É um lugar calmo, sem muito barulho e muita paz.” Desvantagem: “Às vezes é preciso comprar um remédio ou ração para animais que dificilmente é achada na zona rural.”
Aluno 11	Vantagem: “Podemos respirar ar puro.” Desvantagem: “Não temos nada pra fazer.”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

A quinta questão foi para instigar a reflexão dos estudantes sobre aspectos comparativos entre o rural e o urbano (quadro 4). O urbano aparece novamente como um lugar de grande diversidade sociocultural com opções de lazer e acesso a uma infraestrutura melhor do que nas áreas rurais. No entanto, traz como desvantagem o fato de ser um local da insegurança, violência e poluição.

Quadro 4 – Respostas dos alunos sobre o questionamento: “Apresente uma vantagem e uma desvantagem de morar na zona urbana.”

Aluno 01	Vantagem: “Acesso a serviços rápidos, onde fica maior parte dos negócios.” Desvantagem: “Poluição e sons as vezes indesejáveis.”
Aluno 02	Vantagens: “Internet boa, vários passatempos tipo cinema, shopping.” Desvantagem: “Muito risco de assalto, pouco sossego, vizinhos ruins.”
Aluno 03	Vantagens: “Fica perto do local de trabalho para quem mora lá, e perto dos locais de atendimento público.” Desvantagem: “Tem muita poluição e roubalheira nos bairros e espaços comerciais.”
Aluno 04	Vantagem: “Temos tudo mais perto.” Desvantagem: “É muito barulhento.”
Aluno 05	Vantagem: “Lugar de paz.” Desvantagem: “Longe da fazenda.”
Aluno 06	Vantagem: “Está mais próximo de tudo.” Desvantagem: “Quente e mais exposto a vírus e bactérias.”
Aluno 07	Vantagem: “Ter meios de empregos facilmente, saúde” Desvantagem: “Não ter um ar totalmente arejado”
Aluno 08	Vantagem: “É melhor para estudar, e tem mais emprego.” Desvantagem: “A pessoa não tem sossego pra nada.”
Aluno 09	Vantagem: “Tem oportunidades e esperança pro dia de amanhã.” Desvantagem: “Muito barulho.”
Aluno 10	Vantagem: “É um espaço que possui muitos empregos.” Desvantagem: “É muito agitado com muito barulho e muita poluição.”
Aluno 11	Vantagem: “Tem mais oportunidade de serviço.” Desvantagem: “Não tem ar puro.”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O propósito da sexta questão foi analisar como os estudantes utilizam seu tempo livre para o entretenimento onde moram. As festividades e os eventos mencionados são bem peculiares (quadro 5) e os pesquisados responderam que constantemente estão em contato com os animais, com músicas e também com danças (que são muito apreciadas na região). Com isso, observa-se que a diversidade e a riqueza cultural são fatores que criam identidade e caracterizam esses grupos como um todo, refletindo os aspectos locais.

Destaca-se que nas cidades grandes, o acesso ao lazer acaba se vinculando em grande parte às virtualidades das relações sociais aliadas ao uso constante da internet pelos jovens. No entanto, os estudantes informantes da pesquisa citaram outras formas de lazer que remetem a um período analógico, uma vez que a comunidade tem problemas de acesso

digital. Dessa forma, além das dificuldades encontradas na infraestrutura das escolas do campo, essa realidade também pode ser observada no dia a dia dos alunos que se entretêm com aquilo que é ofertado nas suas comunidades, como festejos e o contato com a natureza.

Quadro 5 – Respostas dos alunos sobre o questionamento: “Quais são as formas de entretenimento onde você mora?”

Aluno 01	“Existem cavalgadas, tropeadas, festas e leilões.”
Aluno 02	“Sim, tem seresta, vaquejada, tropeada, etc.”
Aluno 03	“Cavalgada de vez em quando, festas, banho no riacho, andar montado no cavalo, mexer com gado.”
Aluno 04	“Não tem.”
Aluno 05	“Tem forró de vez em quando.”
Aluno 06	“Festa junina, cavalgada, tropeadas, vaquejadas, exposições.”
Aluno 07	“Antes da pandemia a gente tinha eventos de festas como serestas, festas juninas.”
Aluno 08	“Temos várias tradições, festejos, festas dançantes, festa junina entre outros.”
Aluno 09	“Não tem.”
Aluno 10	“Formas de se entreter são muitas como pescar, andar a cavalo e caçar.”
Aluno 11	“Tem festa.”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Na sétima questão, os alunos foram perguntados se em sua casa existe alguma atividade agrária, na qual 90% dos alunos responderam sim. A partir disso, é possível perceber que essa relação do campo com o desenvolvimento de certas atividades é muito presente no cotidiano dos alunos, refletindo que o campo apesar de ter se modernizado, com novos afazeres, ainda existem realidades em que a maioria das pessoas vive das atividades agrárias. As respostas revelam que estes estudantes estão acostumados a lidar com o plantio, colheita, ou algo relacionado a criação de animais, seja bovino, equinos, aves e até mesmo peixes.

Já na oitava questão, quando perguntados se esses alunos ajudavam seus pais ou responsáveis no desenvolvimento dessas atividades agrícolas, 80% respondeu que sim, logo, os estudantes dividem seu tempo entre ir para a escola e (se dedicar aos trabalhos e atividades escolares) e também no desempenho dessas funções em casa. Isso é bem emblemático quando se compara a evasão escolar entre estudantes da área rural e urbana.

Essa tentativa de conciliação entre as atividades exigidas pela instituição escolar com a forma de trabalho no campo em que esses estudantes se situam torna-se até mesmo um obstáculo no contexto da educação do campo, uma vez que esses indivíduos trabalham desde cedo para levar o alimento à mesa, tendo por causa e também como consequência a intensa desigualdade social. De acordo com o IBGE (2017) ocorre 11,5% de abandono da escola por parte dos alunos das áreas rurais na área rural enquanto na área urbana é de 6,8%.

Na nona questão foi perguntado se esses estudantes gostam de morar na zona rural. Mesmo diante de tantas dificuldades que a educação no campo enfrenta seja na infraestrutura ou no âmbito pedagógico, 80% dos estudantes pesquisados valorizam e gostam

do local onde vivem. Com isso, chama-se a atenção para além das carências físicas do ensino no campo, mas que sejam contempladas as necessidades específicas dos jovens e crianças atendidos por esta modalidade de ensino.

No entanto, na questão de número dez, o propósito foi saber se esses estudantes pretendem, algum dia, mudar da zona rural. Cerca de 70% deles responderam que sim. Assim, observa-se uma certa contradição em relação às respostas dos alunos que afirmam gostar de morar no campo, mas que também pretendem se mudar desse local algum dia, justamente porque entendem o espaço rural como limitado em relação as oportunidades de emprego e até mesmo de estudos.

Isso reforça a ideia retrógrada de que o campo é extremamente limitado em diversos aspectos e, por isso as oportunidades de ter uma vida melhor só poderiam ser alcançadas caso essas pessoas se deslocassem para as cidades. No entanto, o campo hoje é *locus* da pluriatividade, como afirma Silva (1997), onde se acentuam diversas atividades não agrícolas como aquelas vinculadas ao consumo como o lazer e o turismo. Com isso, há um crescimento de novos negócios que podem contribuir como alternativa para evitar o êxodo rural.

Considerações finais

O tema educação no campo é de extrema complexidade, uma vez que ainda hoje ainda esta passa por diversos impasses que são reflexo da falta de assistência que tais escolas sofrem. Infelizmente ainda é uma realidade mencionar tais processos educativos como sucateados e negligenciados, reverberando nos indicadores educacionais não somente a falta de infraestrutura, mas também outros aspectos dessa mesma realidade.

As temáticas educação rural e educação no campo são bastante pertinentes, e mesmo que por algumas vezes de forma errônea estas sejam vistas como sinônimas, (pois ambas se concentrem em destrinchar o ensino a partir de uma perspectiva do espaço geográfico rural) a realidade é bem diferente. Educação Rural é fruto do paternalismo e concentração fundiária, enquanto Educação no Campo nasce a partir de um cenário de lutas e resistências, onde camponeses buscam pelo mínimo que o Estado possa proporcionar: acesso a uma educação de qualidade.

As primeiras escolas rurais (como eram chamadas) estavam localizadas em fazendas, mas a preocupação inicial não era que os alunos tivessem acesso à leitura e escrita, mas sim que os trabalhadores (no caso os pais dos alunos) não se deslocassem de tais propriedades. Assim, por muito tempo as deficiências nessas instituições foram se fortalecendo de tal forma que ainda hoje essas escolas enfrentam muitos obstáculos. Como consequência inevitável a educação rural foi vista como inferior à urbanística e até mesmo estereotipada, já que os currículos e planejamentos que a norteavam eram completamente alinhadas à temática da escola citadina.

No entanto, é evidente que estes dois espaços são importantíssimos, não sendo nenhum mais estimado que o outro e analisar esse assunto sob o prisma geográfico é essencial uma vez que essa ciência faz da relação espaço-homem seu principal objeto de estudo. A

ciência geográfica tem ainda como foco analisar as conexões presentes não só na conjuntura rural, mas também na urbana, já que estes espaços além de estarem associados, são complementares.

Por mais que a maioria dos entrevistados vejam o ambiente rural sob uma ótica bem tradicional, aquela com muitas atividades primárias e aparentemente tranquilo é notório que estes não são meros locais de produção de alimentos, ao contrário concentram inúmeras outras atividades.

A mesma coisa acontece com a zona urbana, pois ela não se resume somente aos grandes prédios ou a violência, mas é espaço de vendas de produtos e serviços (produtos estes que serão usados no campo, inclusive).

Assim, o docente em geografia, ao associar ambas as concepções, deve fazer o melhor para levar o conteúdo aos seus discentes, de forma a despertar o interesse nos mesmos. É claro que o estudo desta ciência não se restringe a simplesmente decorar conceitos, nomes de cidades ou regiões, ao contrário é saber discutir várias questões a partir desse conhecimento e fazer uma conexão entre geografia física e humana, sempre procurando meios de interligá-las em vários sentidos.

Destarte, ao trabalhar a dicotomia dos espaços rurais e urbanos faz-se necessário uma análise bastante profunda em relação aos processos que permeiam ambos os termos. Seria um lapso pensar essas regiões de forma segregada, pois isso acabaria por gerar exclusão e hierarquização entre ambas, quando na verdade o que existe entre elas é um vínculo de complementação e reciprocidade.

Mesmo que nem sempre seja possível estabelecer diferenciações consistentes e concretas devido aos percalços existentes na composição das instituições escolares, a proposta de ensino e a expectativa de aprendizagem devem se constituir a base do conhecimento.

Diante do exposto, atesta-se a existência da distinção entre rural e urbano, entre o campo e a cidade, porém é necessário considerar que eles só podem ser concebidos pelas suas relações que são dinâmicas, complexas e integradoras. Assim, ao trabalhar a disciplina geográfica, seja uma escola do campo ou uma escola urbana é fundamental privilegiar o conhecimento prévio dos aprendizes, para que assim eles sejam capazes de fazer uma relação do seu cotidiano com outros lugares e, ao mesmo tempo contribuir para uma aprendizagem significativa quando conseguem perceber a importância da Geografia para a leitura do espaço.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Texto para discussão n. 702. IPEA: Rio de Janeiro, 2000.

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Localização de Porto Franco no Maranhão**. 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Franco#/media/Ficheiro:Maranhao_Municip_PortoFranco.svg. Acesso em: 12 abr. 2022.

ALMEIDA, Juliana Nunes; GUSSO, Ana Paula. Educação Rural: Evolução e Desenvolvimento. *In: ENCONTRO de Divulgação Científica e Tecnológica – ENDICT, 1, 2009, Paraná. Anais [...].* Paraná: UFTPR, 2009. p. 91-95.

BELFORT, Rhecylle Mota; SILVA, José Luís Gomes da; OLIVEIRA, Edson Aparecida de Araujo Querido. O desenvolvimento do município de Porto Franco MA: a influência dos conglomerados corporativos da cadeia agroindustrial. *In: Encontro de Iniciação Científica, 16, 2012, Taubaté. Anais [...].* Universidade de Taubaté, 2012, p. 1-16.

BISPO, Claudia Luiz de Sousa. A Educação Escolar, O Ensino de Geografia e os aspectos socioculturais da população do campo. **Espaço em Revista**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 82-106, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/espaco/issue/archive> . Acesso em: 23 nov. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep. **Censo Escolar**. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB. 9394/1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. *In: SANTOS, Clarice Aparecida dos. (Org.). Por uma Educação do Campo: campo-políticas públicas-Educação*. Brasília: INCRA; MDA, 2008, p. 67-86.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor Andre. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

IANNI, Octavio. **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Notas metodológicas**. 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/notas_metodologicas.html?loc=0. Acesso em: 12 abr. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Porto Franco**. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/porto-franco>. Acesso em: 12 abr. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agro 2017**. 2017. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/2012-agencia-de-noticias/noticias/25883-abandono-escolar-e-oito-vezes-maior-entre-jovens-de-familias-mais-pobres.html>. Acesso em: 12 abr. 2022.

KIELING, Rejane Inês; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. O rural, o urbano e o continuum urbano-rural no contexto do desenvolvimento regional. **Perspectiva**, Erechim, v. 39, n. 148, p. 133-143, 2015. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_540.pdf. Acesso em: 23 nov. 2022.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola Rural: Urbanização e Políticas Educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

PARANÁ (Estado). **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo**. Secretaria de Estado da Educação. Curitiba, 2006.

ROCHA, Maria Isabel Antunes. Desafios e perspectivas na formação de educadores: reflexões a partir do curso de licenciatura em educação do campo desenvolvido na FAE/UFMG. *In: SOARES, L. et.al. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 389-406.

SILVA, José Graziano da. O novo rural brasileiro. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 43-81, 2018. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2253/1193>. Acesso em: 4 abr. 2022.

SILVA, Willian Vieira. Mundo agrário brasileiro e a globalização generalizada. **Revista Educação Ambiental em Ação**, Novo Hamburgo, v. 17, n. 65, 9p., 9 set. 2018. Disponível em: <https://revistaea.org/artigo.php?idartigo=3431>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SILVA JUNIOR, Astrogildo Fernandes da; BORGES NETTO, Mario. Por uma educação do campo: percursos históricos e possibilidades. **Entrelaçando – Revista Eletrônica de Culturas e Educação**, Cruz das Almas. 2011, n. 3, p. 45-60. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SIMÕES, Willian. TORRES, Miriam Rosa. **Educação do campo: por uma superação da educação rural no Brasil**. Curitiba: UFPR: 2011. p. 1-15.

SOUZA, Maria Antonia de. **Educação Proposta e Práticas Pedagógicas MST**. Petrópolis: Vozes, 2006.

UNIDADE ESCOLAR JOÃO TAVARES DA COSTA. **Projeto Pedagógico**. Porto Franco, 1995.

VITTE, Antonio Carlos. O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na Geografia Física. **Mercator – Revista de Geografia**, Fortaleza, ano 6, n. 11, p. 71-78, 2007. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/58>. Acesso em: 23 nov. 2022.